

SEMANA 22

DE 19

Por **GUILHERME BUENO**

Il faut être de barbares (“É preciso tornarmo-nos bárbaros”. Sergio Buarque de Holanda, 1922). “Hoje o artista brasileiro tem diante de si uma verdade social, uma liberdade (infelizmente só estética), uma independência, um direito às suas inquietações e pesquisas que, não tendo passado pelo que passaram os modernistas da Semana de Arte Moderna, ele nem pode imaginar que conquista representa” (Mario de Andrade, citado por Manuel Bandeira). “O movimento modernista, culminado no sarampão antropofágico, parecia indicar um fenômeno avançado [...] Quem sabe se a alta do café não ia colocar a literatura nova-rica da semi-colônia ao lado dos custosos surrealismos imperialistas? [...] A valorização do café foi uma operação imperialista. A poesia Pau-Brasil também” (Oswald de Andrade, segundo prefácio para *Serafim Ponte Grande*, 1933). Passados 90 anos, qual seria a atualidade da Semana de Arte Moderna? Em uma dada medida, ela ainda teria um quê de atual? Fato é que mesmo hoje ela ainda desperta debates e paixões,

agora entre especialistas. No centro das discussões, qual o seu efetivo papel para a modernização da arte brasileira. Como certa vez observou Carlos Zilio, em seu livro *A querela do Brasil*, publicado nos anos 1980 e inscrito numa leitura crítica de nosso modernismo dos anos 1920 e 30, não basta um ato de vontade para que nos tornemos repentinamente modernos. Paulo Herkenhoff, em uma exposição que organiza em 2003 sobre a coleção Sergio Fadel alega, inclusive, que na Semana de 1922 não havia arte moderna e, sim, obras modernizantes com traços derivados da arte europeia do final do século 19. Em 1997, no decorrer de uma mostra de Di Cavalcanti, um artigo do jornal *O Globo* perguntava a vários artistas contemporâneos se a obra de Di havia os influenciado de alguma maneira, e a resposta geral era negativa. Aracy Amaral, por sua vez, ainda defende o papel emblemático do modernismo ali nascido como transformador. Os diferentes reencontros e estudos sobre nossa primeira modernidade (aquela da metade inicial do século 20, considerando-se a revisão

profunda a qual é submetida depois das primeiras bienais de São Paulo), têm apontado na direção de um processo de transformação que tem seus diferentes aspectos em Belém, Recife, Minas Gerais, no Rio de Janeiro, enfim, que atravessava o país. Ele afetava a arquitetura, a música, a literatura e as artes plásticas, mas de formas bastante distintas.

Polêmico, mas investido de outro tipo de polêmica, esse ato de vontade ainda ressoa, pois, mesmo em suas limitações, ele apontava para o desejo de conquista da modernidade. Evidente que ela não se fez do dia para noite. Mas difere radicalmente daquele preconizado no Rio de Janeiro ainda no interior da Escola Nacional de Belas Artes, cujo processo lento e gradual mantinha vínculos estreitos com a noção de atualização paulatina que ainda digerira os efeitos do impressionismo. Talvez sua conta fosse como aquela de Rui Barbosa ao defender a abolição gradual da escravidão (que, uma vez refeita nos anos 1980, indicava que ela existiria no Brasil no mínimo até os anos 1950). Entre erros, acertos, descobertas e

pistas falsas e a crença dúbia de criar um “estilo brasileiro”, a Semana de Arte Moderna tentava fazer com que o país chegasse ao século 20 com apenas 20 anos de atraso. Assim como na história, por acaso ou intencionalmente, ela acabou por obrigar o país a se redescobrir.

Nosso dossiê voltado para as (mais uma vez) controversas comemorações da Semana de 1922 divide-se em duas partes. Ambas procuram colocar o problema justamente na ótica de hoje. Convidamos o artista, poeta e professor Alexandre Sá a organizar e analisar o debate não só de agora, mas como um artista contemporâneo entende para além de 1922 os significados da experiência da modernidade local e como discuti-la à luz da globalização. Pontuam o dossiê vários boxes nos quais consta um comentário sucinto sobre as inúmeras publicações lançadas para acompanhar a data. “Tarefa heroica para quem já foi Irmão do Santíssimo, dançou quadrilha em Minas e se fantasiou de turco a bordo” (Oswald de Andrade).

UMA REFLEXÃO ACERCA DE SEUS 90 ANOS

“A antropofagia daria origem a um novo conceito de vida. Seria o princípio de uma nova filosofia, de um novo e fecundo rumo das artes, e muito de seus cultivadores não hesitariam em compor a grande sinfonia da infanta sacrificada num banquete político, ou o quadro, bonito e comovente, do jovem conduzido ao matadouro por uma fileira dupla de cavalheiros bem alimentados.”

Gabriel Garcia Márquez

“Não se fazem mais antigamentes como futuramente.”

Michel Melamed

Por ALEXANDRE SÁ

É curioso pensar que este texto talvez seja mais um de uma série infinita de tantos outros que têm por objetivo rever, reavaliar, repensar e rediscutir a herança, o legado e todas as transformações advindas da Semana de Arte Moderna. Que em dez anos, se estivermos todos vivos, voltaremos inquestionavelmente ao assunto e, muito provavelmente, mais alguns tantos textos serão escritos, novas publicações surgirão, megaexposições serão montadas, a mídia provavelmente fará disso o assunto do momento e seguiremos num misto de orgulho e melancolia comemorando um evento que representa um instante de abertura e considerável inovação do processo de construção visual e poética do país. De um país. De um país que “pertencemos” (o verbo já entre aspas) e que

em 1922 ainda estava parcialmente aderido a um método de concepção plástica que lhe parecia consideravelmente estrangeira.

Talvez em dez anos, essa memória de uma ruptura, de uma pressuposta revolução artística e política possa parecer arrefecida se colocada diante de um fluxo eternamente em trânsito entre o local e o global, que terminará por apagar a lembrança de que um dia, há cem anos, ainda estávamos impregnados de uma sina crudelíssima advinda da palavra identidade. Talvez lá, ou logo ali, em 2022, a preocupação acerca da identidade e de sua construção e delimitação de território possa parecer uma blague, uma piada, ou, parafraseando Danto (ao refletir sobre a obra-prima na contemporaneidade), a lembrança de uma estética ultrapassada. Nas próximas e

infinitas comemorações talvez seja possível perceber que a identidade se estabelece enquanto indivíduo e que o próprio sujeito é um conjunto indeterminável de multiplicidades; que a identidade resolveu, ao longo de cem anos, deixar o lugar confortável da pátria para se instalar definitivamente dentro da pessoa que, apesar de uma, são várias. Ou, lembrando um Rimbaud profético, *Je est un autre*.

Então, a memória do evento da tal semana será uma homenagem praticamente obrigatória, quase burocrática, onde relembremos de maneira veloz um movimento que foi claramente o símbolo de um processo de transformação da lógica de representação de si que já estava acontecendo antes e depois dela.

**ANTROPOFAGIA HOJE?
OSWALD DE ANDRADE EM CENA**
ORGANIZADORES:
JORGE RUFFINELLI E JOÃO CEZAR
DE CASTRO ROCHA
REALIZAÇÕES EDITORA
2011

PROJETO AUDACIOSO QUE REÚNE DIVERSOS TEXTOS (HISTÓRICOS E ONTEMPORÂNEOS) DE AUTORES VARIADOS QUE DISCUTEM A ANTROPOFAGIA NOS DIAS ATUAIS. MATERIAL OBRIGATÓRIO PARA FUTURAS PESQUISAS SOBRE O ASSUNTO.



**ARTE MODERNA NO BRASIL
CONSTITUIÇÃO E
DESENVOLVIMENTOS NAS
ARTES VISUAIS
ICLEIA BORSA CATTANI
EDITORA C/ARTE
2011**

DE LEITURA FÁCIL E
EXTREMAMENTE SIMPLES,
O LIVRO SERVE COMO
INTRODUÇÃO ÀS QUESTÕES
MODERNAS E CONSTRÓI
UM PANORAMA BÁSICO E
NÃO MENOS EFICIENTE DA
MODERNIDADE NAS ARTES
VISUAIS NO BRASIL.



Projeto Gráfico: Rafael Chimicatti

TARSILA DO AMARAL, *ABAPORU*, ÓLEO S/TELA, 85X73CM, 1928. ACERVO MALBA, COLEÇÃO CONSTANTINI, BUENOS AIRES.

Considerar a Semana de Arte Moderna de 22 emblema de uma ruptura não é, de forma alguma, ignorar a relevância do evento para a história, mas endossar a necessidade de compreensão de tal ano e de tais dias, dentro do Teatro Municipal de São Paulo, como um marco, uma data simbólica que representa (nem sempre de maneira justa) as reverberações e os giros na fatura do trabalho; que podem ser detectados desde o final do século 19 (como em José Ferraz de Almeida Júnior ou Eliseu Visconti) e que se estendem até meados da década de 1950.

O evento surge como um ato inaugural de tais propostas porque foi construído para ser histórico, por meio de uma estrutura já fundada principalmente no poder da imprensa e de grupos políticos. Os cafeicultores, preocupados com a manutenção do seu *status* diante da queda do preço do café depois da Primeira Guerra Mundial, foram os grandes financiadores da empreitada. Para além disso, o programa do evento era propositalmente polêmico e provocador. Se no saguão do Teatro estavam expostas algumas pinturas desconcertantes em virtude da ausência de pro-

porção ou mesmo da fratura abrupta de uma figuração mais tradicionalista, foi inquestionavelmente dentro do Teatro, e na plateia que assistia ao espetáculo (envolvendo a leitura de manifestos e apresentações musicais), onde o estopim nasce como esperado. As pinturas eram de certa forma as personagens que preparavam a atmosfera para que o seria visto nas apresentações, como um elemento-chave que estimularia a efervescência pública. Uma prova disso é a constatação de que alguns quadros receberam pinceladas aleatórias para evidenciar tal desconforto. Contudo, é fundamental ob-


**1922 A SEMANA QUE NÃO
TERMINOU
MARCOS AUGUSTO GONÇALVES
COMPANHIA DAS LETRAS
2012**

TEXTO JORNALÍSTICO QUE
EXPÕE AS PARTICULARIDADES
DO EVENTO E A SUA LIGAÇÃO A
OUTROS INTERESSES PARA ALÉM
DOS ARTÍSTICOS, REVELANDO
OS BASTIDORES DO MOVIMENTO.
TRATA-SE DE UM CONJUNTO DE
BOAS E INIMAGINÁVEIS HISTÓRIAS
SOBRE OS PROTAGONISTAS (E
ANTAGONISTAS) DA SEMANA.



servar aquilo de que fomos liberados e libertados. Do tênue trajeto de rompimento da repetição neoclássica que se estabelecia até então. Do humor e da acidez que, apesar de completamente distanciados das preocupações europeias, insistiam em uma fé no futuro e na possibilidade de transformação da arte. Que apesar de se encontrar algum pastiche na relação de aderência às investigações formais do futurismo e do cubismo, por exemplo, é notório perceber ali um esforço claro de proposição estrutural e temática dentro da fatura pictórica.

E apesar da instauração de uma presunção de identidade que, mesmo trazendo embutido algum patronato ideológico (que de maneira sagaz tentava diminuir um abismo desdentado entre as diversas classes sociais e econômicas), nos fez existir enquanto imagem. Se a antropofagia também pode vir a ser o exercício de devorar o outro de mim, daquele eu que é não é meu; de devorar meu duplo para que eu me cale, eu ainda sim conseguirei sobreviver enquanto sujeito. E então ali, naquele instante encantado onde renasço regurgitado de mim, é possível brotar alguma redenção.

Redenção essa que retornará nos trabalhos de Hélio Oiticica e Lygia Clark, cujo exercício de identidade será mais horizontal e mais generoso. Cujas relações estabelecidas sem vencedores e vencidos, sem devoradores e devorados, sem grandes confrontos armados conseguirá finalmente nos colocar numa situação mais respeitável diante do mercado internacional, desenhando outra possibilidade de brasilidade que será menos ingênua e menos burocrática. E, nesse sentido, ainda temos muito o que comemorar. 



**1922 A SEMANA SEM FIM
CELEBRAÇÕES E MEMÓRIA
DA SEMANA DE ARTE MODERNA
DE 1922
FREDERICO COELHO
2012**

EXAUSTIVO TRABALHO DE
PESQUISA QUE PRETENDE
MAPEAR OS REFLUXOS E AS
REVERBERAÇÕES DA SEMANA
AO LONGO DAS DÉCADAS.
DOCUMENTO IMPORTANTE
QUE PROPÕE PARELELOS
E ASSOCIAÇÕES SEM
ENCLAUSURAR A REFLEXÃO.